

Bresser-Pereira critica FHC e Lula de populismo cambial

Entrevista a Jacqueline Farid
O Estado de S.Paulo, 10.10.06

Segundo Luiz Carlos Bresser Pereira, da Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP), são essas as iniciativas que fizeram a diferença para todos os países que cresceram nos últimos 25 anos

A definição de uma estratégia nacional de desenvolvimento e uma taxa de câmbio "relativamente apreciada ou competitiva" são fundamentais para que o Brasil aproveite as oportunidades da globalização e cresça a taxas mais elevadas, segundo afirma o economista Luiz Carlos Bresser Pereira (FGV-SP).

Ele argumentou que são essas as iniciativas que fizeram a diferença para todos os países que cresceram nos últimos 25 anos. Para Bresser Pereira, a variável política fundamental para o crescimento é o nacionalismo. "Sem nacionalismo não há estratégia nacional de desenvolvimento", disse. Ele exemplificou que países ricos como Estados Unidos, França e Japão "são perfeitamente nacionalistas" e disse que "a ideologia do globalismo (se contrapondo ao nacionalismo) só existe porque os países ricos querem derrubar a escada dos países pobres".

Bresser Pereira acredita que o Brasil não está aproveitando as oportunidades da globalização porque perdeu o conceito de nação. Ele ressaltou também "a necessidade de contrabalançar a apreciação do câmbio", como forma de aproveitar as oportunidades da globalização e garantir o desenvolvimento.

Para ele, uma taxa de câmbio relativamente depreciada ou competitiva é "a variável fundamental para que um país em desenvolvimento médio como o Brasil se desenvolva, é preciso não permitir que o câmbio se aprecie". Bresser Pereira atribui as recentes apreciações do câmbio no Brasil à estratégias econômicas, mas também "ao populismo cambial, já que o câmbio apreciado é bom para reeleger candidatos, já vimos isso no governo Fernando Henrique e agora no governo Lula".

Política macroeconômica

Segundo Bresser, o Brasil precisa reformular sua política macroeconômica e "sair da alta taxa de juros e baixa taxa de câmbio". De acordo com ele, esta mudança envolve um grande ajuste fiscal. "A doença dos juros altos é tão grave quanto era a inflação", disse Bresser.

Ele afirmou que é a favor do controle de capitais no País desde que se dê na entrada e não na saída, e for acionado apenas quando for necessário. "Se o Brasil tem o mínimo de controle na entrada e não deixa que o câmbio se aprecie, nunca terá problema de saída de capitais", afirmou.

Ainda, segundo Bresser, é preciso uma reforma fundamental no país que é a desvinculação dos títulos públicos da taxa básica de juros, a Selic (atualmente em

14,25% ao ano). "A nossa taxa de juros e sua vinculação em curto prazo, ao mercado de títulos de longo prazo, é uma jabuticaba horrorosa", disse, referindo-se ao mecanismo que, segundo ele, só existe no Brasil.

Para Bresser seria possível reduzir os juros simultaneamente ao aprofundamento do ajuste fiscal, ao contrário do que defendem alguns economistas. Ele disse que não é contra a política de meta de inflação, mas que não será nenhum problema se numa estratégia de redução de juros simultânea a ajuste fiscal ocorrer uma inflação temporária. "A inflação está superada no Brasil, se houver será temporária, porque a indexação está quase totalmente acabada", afirmou.

Ele participou do seminário Políticas Econômicas e Financiamento para o Desenvolvimento que acontece nesta segunda-feira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).